

## *Glaxo*, de Hernán Ronsino

**MURILO EDUARDO DOS REIS**

Doutorando

UNESP/Universität Hamburg.

*E-mail:* [murilo.reis@unesp.br](mailto:murilo.reis@unesp.br)

Bolsista CAPES-PrInt

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5372-4326>

**Revista Falange Miúda**  
ISSN 2525-5169

**Periodicidade:**  
Fluxo contínuo

**Volume 6**  
**Número 1**

**Recebido em:** 31/01/2021  
**Aprovado em:** 26/10/2021

### **Resenha**

**RONSINO, H. Glaxo. Trad. Livia Deorsola. São Paulo: Editora 34, 2017.**

## 1 Considerações preliminares

Três homens chegam a uma estação ferroviária no meio do deserto. Além deles, os únicos presentes são o velho vendedor de bilhetes e a ajudante indígena. Os bandoleiros trancam o idoso em um cubículo e expulsam a mulher. Esperam o próximo trem, que está duas horas atrasado. Nesses cento e vinte minutos, brincam com moscas, estalam dedos, refrescam-se em goteiras.

Finalmente, aparece a locomotiva. O trio coloca-se em linha. Ninguém desembarca. Quem eles aguardam não veio. Percebendo que a máquina a vapor está prestes a sair, resolvem ir embora. Porém, o som de uma gaita os detém. A partida do veículo funciona como a cortina que se abre para a entrada triunfal de uma personagem: o forasteiro gaitista. Depois um diálogo de poucas e sussurradas palavras, temos um breve tiroteio que termina com a morte dos que estavam em maior número.

A sequência inicial de **Era uma vez no Oeste** mostra como Sergio Leone é um diretor que trabalha mais o que antecede a violência do que as situações de brutalidade que são comuns em faroestes. Em literatura, Ernest Hemingway dá o mesmo tratamento ao conto **Os pistoleiros**, história em que dois matadores de aluguel invadem um restaurante procurando um ex-boxeador sueco. Rendem proprietário, garçom e cozinheiro. São minutos que se arrastam. Como o alvo, ao contrário do gaitista interpretado por Charles Bronson, não chega, decidem partir. Nick Adams, recorrente personagem de Hemingway, vai avisar Ole Anderson, num quarto de pensão, que desejam matá-lo. Ao receber a notícia, Anderson não reage, aceitando seu destino. O leitor não sabe nem os motivos que levam o pugilista aposentado a ser jurado de morte nem as razões pelas quais ele não contesta o veredicto. No filme de Leone, há alguns disparos. No conto de Hemingway, nem isso. Ricardo Piglia (2004) utiliza **Os pistoleiros** como modelo representativo do conto moderno – duas histórias são contadas como se fossem uma e a tensão entre elas é manipulada sem nunca se resolver; ao final, aplica-se a teoria do *iceberg*, em que se vê apenas o que está na superfície – o mais importante nunca é contado.

Assim como o diretor italiano e o escritor estadunidense, o argentino Hernán Ronsino<sup>1</sup> é um autor habilidoso no manuseio da tensão. É o que se vê em **Glaxo**, novela de sua autoria, cujo título remete ao nome de uma fábrica da província que serve de cenário para a história, *pueblo* também marcado pela retirada da ferrovia que o atravessa, a fim de que uma estrada seja assentada. A terra que sepulta os trilhos invade os imóveis, não só criando a ambientação *western* que adentra o

---

<sup>1</sup> Professor de sociologia na Universidade de Buenos Aires, Hernán Ronsino fez sua estreia na literatura com o volume de contos **Te vomitaré de mi boca** (2003). Depois, publicou os romances **La descomposición** (2007), **Glaxo** (2009), **Lumbre** (2013) e **Cameron** (2018), todos traduzidos para diversos idiomas. Também lançou a coletânea de ensaios **Notas de campo** (2017).

imaginário das personagens e da qual a obra depende, mas também concretizando a ideia de que o tempo devora tudo, inclusive os habitantes do vilarejo e seus respectivos crimes.

Antes de falar sobre a história propriamente dita, talvez seja produtivo refletir brevemente sobre o conceito novelesco.

## 2 Entre o conto e o romance

Paulo Rónai (2009), em apêndice de **A morte de Ivan Ilitch**, de Lev Tolstói, escreve que não há categorização universal que distinga a novela do conto ou do romance. Quando se trata do conto, essa diferença é quantitativa; já no que diz respeito ao romance, a distinção recai sobre a estrutura – se a forma romanesca expõe planos e temas que se multiplicam, as tramas de novelas direcionam a atenção do leitor para um único conflito.

Tendo as reflexões de Rónai como base, pode-se dizer que **Glaxo** se encaixa na reticente configuração novelesca. Ali, acompanhamos a reconstituição de episódios que ocorrem ao redor da fábrica que intitula a obra. O núcleo problemático contém uma história de traição que influencia o destino de quatro indivíduos.

Essa linha narrativa une Vardemann, Bicho Souza, Miguelito Barrios e Folcada, habitantes da província próxima a Buenos Aires onde tudo se passa. Os fatos não são reconstituídos por um narrador onisciente ou por alguém que os acompanhou à distância, mas pela voz de cada uma das personagens. Gérard Genette ([197-]) chama esse procedimento narrativo de focalização múltipla, em que vários atores falam de um mesmo acontecimento, expressando suas impressões particulares. No cinema, bom exemplo dessa variedade de vozes é **Rashomon**, de Akira Kurosawa, em que um assassinato é reconstruído por testemunhas nada confiáveis.

Emilio Renzi, pseudônimo de Ricardo Piglia (2017), escreve que a experiência é uma multiplicação de pequenos acontecimentos que remontam a um passado distante. É dessa maneira que a história das quatro personagens é contada. Os monólogos são praticados em diferentes épocas, fragmentos que vão sendo costurados de maneira anacrônica, em zigue-zague, até que se forme uma colcha de retalhos que revela os pormenores de uma pequena tragédia. O que um omite, o outro preenche, quase como se o quarteto constituísse um conjunto de engrenagens tão preciso quanto o mecanismo de um relógio.

### 3 Faroeste e vida real

Entre os anos 1959 e 1984, linha temporal que comporta os eventos de *Glaxo*, o cinema dirigido por Sam Peckinpah e Sergio Leone ainda ocupa lugar de destaque no imaginário popular. Em vez de programas televisivos como **Breaking Bad** ou **The Sopranos**, os temas das conversas nas mesas de bar são filmes de faroeste. No lugar de Bryan Cranston ou James Gandolfini, os artistas que inspiram telespectadores são Kirk Douglas e John Wayne. É um cenário cultural que contrasta com a era dos *streamings* e dá razão às reflexões do narrador-personagem de Rubem Fonseca em **Vastas emoções e pensamentos imperfeitos**. A certa altura do romance lançado em 1988, ele (FONSECA, 1988) diz que, um dia, a televisão tomará o lugar do cinema. Os cineastas passarão a criar programas cujo teor é entretenimento direcionado a um público passivo e apático. Considerando os dias atuais – nos quais séries são consumidas e produzidas em ritmo industrial – e a época retratada em **Glaxo**, as palavras do protagonista fonssequiano soam proféticas.

Posicionado temporalmente em 1984, Bicho Souza lembra que, depois de uma sessão de *western* no cinema local, Vardemann e Miguelito Barrios interpretam, com balas imaginárias e diálogos idênticos, um duelo praticado por Douglas e Wayne:

Aí, quando tomavam algumas, o Flaco Vardemann e Miguelito Barrios armavam um duelo imaginário; o Flaco saía para a rua, Miguelito sentava-se de costas para a entrada; e quando o Flaco Vardemann reaparecia, já não era mais o filho único do barbeiro da Glaxo, um cara insosso e troncho, agora o Flaco Vardemann era Kirk Douglas e com uns passos inseguros se aproximava, envolto num certo sorriso contido, para tocar o ombro de Miguelito, que a essa altura também tinha se transformado e agora era John Wayne. Então o duelo se tornava inevitável. (RONSINO, 2017, p. 31)

Ironicamente, Vardemann e Miguelito estão encenando o próprio destino. Porém, nesse futuro por eles desconhecido, não há tiroteios ou vinganças como os representados em filmes hollywoodianos. A amargura e a aridez dos sentimentos de cada um não culminarão em atitudes explosivas, em dinamites que demolem casas, em tiros disparados por habilidosos pistoleiros. Vardemann e Barrios são sujeitos comuns, não heróis destemidos ou vilões implacáveis como os protagonistas de seus filmes favoritos.

Sobre a natureza complexa da literatura, Antonio Candido (2017) escreve que uma de suas principais facetas é a organização de obras autônomas enquanto estrutura e significado. Segundo o crítico, o modo como o poeta ou o narrador arranjam as palavras é crucial para dizer se a mensagem é ou não literária. Conectado às reflexões do crítico brasileiro, para criar efeito estético que represente mágoa e violência sufocadas, Ronsino estrutura sua novela com gramática enxuta, carregada de austeridade e minimalismo, de verbos tão rascantes quanto a navalha que, afiada com esmero, barbeia a mais pétrea das faces. Assim, sua sintaxe redonda

e carregada de lacunas interage de maneira orgânica com a brutalidade reprimida que explode em poucos e marcantes momentos.

Em **Glaxo**, não há chumbo ou palavras desperdiçadas. Um tiro é suficiente para modificar os destinos de Vardemann, Bicho Souza, Miguelito Barrios e Folcada. Com plenos domínios sintagmáticos, Hernán Ronsino constrói faroeste cirúrgico que pode ser considerado uma aula de esmero vocabular. Ao contrário do que realiza Leone em suas cenas de longa duração, o autor argentino manipula a tensão não pelo alargamento descritivo, mas com o encaixe de pontos finais no lugar certo.

## Referências

- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. p. 171-193.
- FONSECA, R. *Vasta emoções e pensamentos imperfeitos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, [197-].
- HEMINGWAY, E. *Contos de Hemingway: volume 2*. Trad. José J. Veiga. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- PIGLIA, R. *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PIGLIA, R. *Anos de formação: os diários de Emilio Renzi*. Trad. Sergio Molina. São Paulo: Todavia, 2017.
- RÓNAI, P. Sobre Tolstói e A morte de Ivan Ilitch. In: TOLSTÓI, L. *A morte de Ivan Ilitch*. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 83-92.
- RONSIÑO, H. *Glaxo*. Trad. Livia Deorsola. São Paulo: Editora 34, 2017.